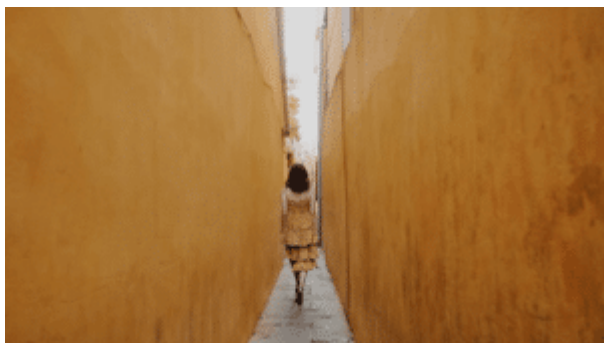


Um planeta coberto de band-aids e de esparadrapos



Por **LEONARDO BOFF***

Enquanto não se mudar de paradigma na relação para com a natureza, em vão serão todos os encontros mundiais visando impor limites ao aquecimento global

Uma das preocupações centrais hoje na geopolítica é como enfrentar o aquecimento global. Tudo indica que entramos numa nova era geológica a era da mudança climática generalizada, causada pelo aquecimento crescente do planeta. Cientistas da área confessam que não temos condições de fazer retroceder este processo. Cabe-nos advertir a chegada dos eventos extremos e minorar seus efeitos danosos.

No esforço de evitar que o aquecimento ultrapasse 1,5°C, o que já ocorreu, organiza-se um esforço gigantesco de descarbonização do processo produtivo. Ocorre que este esforço não produziu até hoje, não obstante as inúmeras sessões de COPs, nenhum resultado significativo.

E não vai produzi-lo nunca enquanto não se coloca a verdadeira questão: “Qual é o tipo de relação que as sociedades mundiais (salvaguardados os povos originários que surfam sobre outra onda) estabelecem para com a natureza?”. É uma relação de sinergia, de cuidado e respeito ou de simples e pura exploração? É esta última que domina já há séculos. Aqui reside o verdadeiro problema.

As feridas no corpo da Mãe Terra provocadas pela voracidade produtivista são tratadas com band-aids e esparadrapos. Não se busca a cura da ferida, mas apenas seu escamoteamento pela aplicação de medidas meramente paliativas.

O sistema atual capitalista se funda na relação de exploração de bens e serviços da Terra, no pressuposto inconsciente, de que eles são ilimitados e que por isso podem levar avante um projeto de crescimento ilimitado. Este se mede pelo nível de riqueza de uma nação, concretizada no cálculo do Produto Interno Bruto (PIB). Ai do país que não apresentar um superavit e um PIB sustentado. Corre o risco de recessão com os efeitos nefastos conhecidos.

Caso o sistema mudasse a relação para com a natureza no sentido de respeitar seus ritmos, sua capacidade de regeneração e co-evolução no processo geral cosmogênico deveriam mudar os comportamentos, as técnicas de produção, renunciar aos níveis atuais de acumulação. E não o fazem. Os mantras do sistema imperante nunca mudaram: acumulação ilimitada, individualista, com forte competição e exploração ao máximo das riquezas naturais.

Ocorre que estas riquezas naturais não só são limitadas, mas sua capacidade de suporte (a sobrecarga da Terra) foi superada, pois já agora o consumo da espécie especialmente o consumismo suntuoso das classes endinheiradas está exigindo mais de uma Terra e meia (1,7). E só temos esta Terra.

Enquanto não se mudar de paradigma na relação para com a natureza, enquanto não se passar da exploração para a sinergia e cooperação e a busca da justa medida, em vão serão todos os encontros mundiais visando impor limites ao

a terra é redonda

aquecimento global com tudo o ele inclui (falta de água potável, desertificação, migração de populações inteiras, devastação da biodiversidade, conflitos e guerras e outras ameaças à vida).

A pandemia do Coronavírus foi a oportunidade de repensarmos uma nova relação para com a natureza. Poucos se perguntaram de onde veio o vírus? Veio do desmatamento e destruição do *habitat* deste de outros vírus. Passada crise, voltamos ao mundo anterior com mais voracidade ainda, sem ter aprendido nada do sinal que a Mãe Terra nos enviou.

O mesmo está ocorrendo agora com as grandes enchentes, as queimadas, os tornados, os ciclones, as secas. Todos são sinais que a Terra viva nos envia e que nos cabe decifrar. E não fazemos o devido esforço de decifração que nos exigiria mudanças substanciais. Por isso os eventos extremos continuam e aumentarão pondo em risco milhares de vidas e no limite a nossa própria existência sobre este planeta.

Por isso rejeitamos falsas soluções dos band-aids e esparadrapos sobre o corpo da Mãe Terra, aplicados especialmente por aqueles que não largam o osso como as grandes corporações de energia fóssil e do carvão, presentes em todas as COPs e fazendo ingente pressão para que nada se mude realmente.

Eles carregam um agulhão nos pés do qual não conseguem mais se libertar. Por isso são condenados a continuar com sua lógica de acumulação, pondo em risco o futuro da vida.

Mas, nas grandes dizimações do passado a vida sempre sobreviveu. E esperamos que ainda continue sobre a Terra.

***Leonardo Boff** é ecoteólogo, filósofo e escritor. Autor, entre outros livros, de *Cuidar da Casa comum: pistas para protelar o fim do mundo* (Vozes). [<https://amzn.to/3zR83dw>]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)